

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

PATRICIA DA SILVA TALDIVO

A ATUAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL COLÔNIA

MARINGÁ
2014

PATRICIA DA SILVA TALDIVO

A ATUAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL COLÔNIA

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao Curso de Pedagogia,
como requisito parcial para cumprimento
das atividades exigidas na disciplina do
TCC.

Orientação: Prof. Ms. Gilmar Alves
Montagnoli.

MARINGÁ

2014

PATRICIA DA SILVA TALDIVO

A ATUAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL COLÔNIA

Artigo apresentado à Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação do professor Mestre Gilmar Alves Montagnoli.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA:

Profª. Ms. Giselma Cecília Serconek
(Universidade Estadual de Maringá)

Prof. Ms. Marcos Pereira Coelho
(Universidade Estadual de Maringá)

Prof. Ms. Gilmar Montagnoli
(Universidade Estadual de Maringá)

A ATUAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL COLÔNIA

Patricia da Silva Taldivo ¹

Gilmar Alves Montagnoli²

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a educação no Brasil Colonial, marcada pela atuação dos padres da Companhia de Jesus. Para tanto, foram apresentados aspectos históricos que envolvem o surgimento da Companhia, bem como elementos que caracterizam sua atuação educacional. Importante salientar que essa atividade, mesmo não estando entre os objetivos iniciais dos jesuítas, ocupou posição de destaque com o tempo e marcou a história da educação brasileira. No trabalho são discutidas as estratégias utilizadas pelos jesuítas na catequização e conversão dos gentios, as dificuldades enfrentadas e os resultados obtidos. A pesquisa conta também com estudos realizados acerca da vida de Manoel da Nóbrega (1517-1570) e José de Anchieta (1534-1597), padres responsáveis pela atuação jesuítica nas terras recém descobertas. Por meio de suas cartas, é possível compreender suas pretensões e dificuldades, bem como conhecer os meios educacionais adotados na catequização. A pesquisa tem como foco, também, elementos da atuação educacional da Companhia de Jesus no Brasil, que resultou na elaboração do Ratio Studiorum, método pedagógico dos jesuítas. É importante ressaltar que a Companhia de Jesus marca a primeira experiência educativa do Brasil, o que justifica sua abordagem neste Trabalho de Conclusão de Curso.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Brasil Colônia; Companhia de Jesus.

ABSTRACT

This research aims to analyze the education in Colonial Brazil, marked by the presence of the priests of the company of Jesus. To do so, were presented historical aspects surrounding the emergence of the company, as well as elements that characterize its educational activities. Important to emphasize that this activity, if not among the initial goals of the Jesuits, it occupied a prominent position through the time and marked the history of Brazilian education. At work, are discussed the strategies used by the Jesuits in catechesis and conversion of the Gentiles, the difficulties faced and the results obtained. The research also includes studies about the life of Manoel da Nóbrega (1517-1570) and José de Anchieta (1534-1597), responsible people for acting on the newly discovered lands. Through their letters, it is possible to understand their demands and difficulties, as well as meet the educational means adopted in catechesis. The research focuses, too, elements of the educational activities of the company of Jesus in Brazil, that resulted in Ratio

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá.

² Professor do Departamento de Teoria e Prática da Educação da UEM.

Studiorum, the Jesuit teaching method. It is important to note that the company of Jesus marks the first educational experience from Brazil, which justifies its approach in this monography.

KEY-WORDS: Education; Colonial Brazil; Company of Jesus.

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar a educação no Brasil Colonial. Para tanto, serão apresentados aspectos históricos que envolvem o surgimento da Companhia de Jesus (1534), além de sua atuação educacional, visto que essa atividade, mesmo não estando entre os objetivos iniciais dos jesuítas, adquiriu destaque com o tempo e marcou a história da educação no Brasil.

A Companhia de Jesus foi criada em um momento em que a sociedade Européia passava por uma série de transformações, tais como a decadência do catolicismo e as mudanças econômicas, políticas e sociais que estavam ocorrendo na época. Com a chamada reforma protestante, o catolicismo manifestou certo enfraquecimento. Dessa forma, por iniciativa de Inácio de Loyola (1491-1556) juntamente com seis estudantes da Universidade de Paris, a Companhia de Jesus é criada a fim de efetuar uma moderna cruzada para converter os judeus e retomar Jerusalém ao domínio dos cristãos. A ordem foi oficializada em 1540, pelo Papa Paulo III.

É importante salientar que a educação não estava entre os objetivos iniciais da Companhia, no entanto, com o passar do tempo, acabou ocupando lugar de destaque entre as atividades desenvolvidas. Nesse sentido, é oportuno, no âmbito da educação, analisar as estratégias utilizadas pelos jesuítas na catequização e conversão dos gentios, as dificuldades enfrentadas e os resultados obtidos. A ordem religiosa se caracterizou como sendo a primeira experiência educativa do Brasil, o que justifica sua abordagem neste Trabalho de Conclusão de Curso.

A pesquisa conta também com estudos realizados acerca da vida de Manoel da Nóbrega (1517-1570) e José de Anchieta (1534-1597), principais padres da Companhia de Jesus no período, responsáveis pela atuação jesuítica nas terras recém-descobertas. Por meio de suas cartas, é possível compreender suas pretensões e dificuldades, bem como conhecer os meios educacionais adotados na catequização.

A fim de dar conta dos objetivos mencionados, este TCC está estruturado da seguinte maneira: “A Companhia de Jesus - aspectos históricos”, momento no qual

discutimos o que foi a Companhia de Jesus, bem como os aspectos históricos que envolveram sua criação e atuação.

Na sequência, o trabalho conta com uma discussão sobre “Nóbrega e Anchieta: atuação inicial dos jesuítas, desafios e avanços”. O objetivo, nesse momento, é discorrer sobre o papel de tais padres jesuítas em missão nas terras brasileiras. Foi realizada uma análise da atuação desses padres, observando, por exemplo, quais foram suas primeiras impressões em relação aos gentios encontrados no Brasil e quais os desafios encontrados para conseguirem alcançar o objetivo que os motivaram a aqui estar.

Finalmente, o trabalho trata da “Atuação Educacional da Companhia de Jesus no Brasil: dos desafios iniciais ao *Ratio Studiorum*”. Momento em que são discutidas as saídas dos jesuítas ao encontrarem dificuldades na catequização dos índios. Além disso, há uma análise de aspectos educacionais do período colonial brasileiro, visto que a atuação dos jesuítas foi marcada pela atividade educacional. Portanto, o *Ratio Studiorum*, método pedagógico dos jesuítas, é apresentado e possibilita algumas reflexões.

A COMPANHIA DE JESUS: ASPECTOS HISTÓRICOS

A Companhia de Jesus é uma ordem religiosa que se estruturou em um contexto de conflitos e crescente decadência do catolicismo. Seu objetivo inicial era o de reconquistar a cidade de Jerusalém aos domínios cristãos. Com o tempo, se destacou no trabalho educativo e, principalmente, missionário em função das necessidades do período.

No período em que a ordem foi criada, a sociedade estava passando por várias mudanças, as quais abalaram as estruturas econômicas, sociais, políticas e religiosas.

Criada em Paris no ano de 1534 por um grupo de sete padres liderados por Inácio de Loyola, a ordem religiosa tinha como objetivo propagar a fé cristã, já que na época a Igreja enfrentava contestações. Antes de apresentar aspectos do contexto, convém discorrer um pouco acerca da vida de Loyola.

Segundo Leite (1938), Inácio de Loyola (1491-1556), fundador da Companhia de Jesus, foi canonizado Santo em 1622. Porém, embora tenha recebido o título de Santo, Inácio de Loyola nem sempre se dedicou à vida espiritual. Nascido em 1491, Inácio de Loyola pertencia a uma família de soldados e, pretendendo seguir a carreira militar que o cercava, Inácio foi nomeado Capitão da Guarnição de Pamplona, servindo, desta forma, os príncipes da Terra. Após quatro anos de sua nomeação, foi iniciada uma guerra, na qual a guarnição de Pamplona foi atacada e, embora eles tivessem conseguido resistir a esse ataque, Inácio de Loyola foi ferido e levado para sua terra natal para se recuperar.

Ao longo do processo de recuperação, Leite (1938) afirma que Loyola percebeu que sua missão não era servir os príncipes da Terra, mas sim o rei dos reis. Isso ocorreu devido ao fato de que, durante sua recuperação, Inácio pediu livros de Cavalaria para ler, não tendo os livros em casa lhe foi entregue os livros Vida de Cristo e Florilégio de Santos, o que ocasionou em Loyola um outro ideal, que seria unicamente buscar a glória de Deus. Após sua recuperação e já com um novo ideal, ele atuou nesse sentido.

No entanto, Leite (1938) coloca que Inácio de Loyola, percebendo que lhe faltavam estudos para que conseguisse cumprir sua missão, dedicou-se a eles e, em 1534, os concluiu, formando-se mestre em artes. Em virtude dos Exercícios Espirituais praticados durante seus estudos, Loyola foi juntando à sua volta homens como Pedro Fabro, Francisco Xavier, Diogo Laines, Afonso Salmeron, Simão Rodrigues e Nicolau Bobadilha, os quais viriam a formar o núcleo da Companhia de Jesus.

No que se refere aos chamados Exercícios Espirituais praticados por Inácio e seus companheiros, podemos verificar as primeiras anotações que eles nos apresentam:

Por esta expressão, Exercícios Espirituais, entende-se qualquer modo de examinar a consciência, meditar, contemplar, orar vocal ou mentalmente, e outras atividades espirituais, de que adiante falaremos. Porque, assim como passear, caminhar e correr são exercícios corporais, também se chamam exercícios espirituais os diferentes modos de a pessoa se preparar e dispor para tirar de si todas as afeições desordenadas, e, tendo-as afastado, procurar e encontrar a vontade de Deus, na disposição da sua vida para o bem da mesma pessoa (EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS, 2002, p. 12).

Tais Exercícios Espirituais tinham como objetivo fazer com que o homem se aplicasse em viver conforme a vontade de Deus. Sendo assim, Inácio de Loyola considerava importante que tais Exercícios fossem realizados em locais diferentes e foi assim que foram se edificando as chamadas Casas de Exercícios, onde os Jesuítas iam para refletir e buscar a presença divina.

Conforme mencionado, Loyola teve cada vez mais companheiros ao seu lado, o que o impulsionou ao objetivo de retornar à Terra Santa e converter os turcos.

Leite (1938) aponta que Inácio de Loyola foi para a Espanha em 1535 e alguns amigos foram para Veneza; logo depois, Inácio também foi para Veneza, lá ficou e os seus companheiros foram para Roma onde serviam o papa. Assim que seus companheiros retornaram para Veneza onde ele estava, todos viram a impossibilidade de irem para a Palestina e, em 1537, resolveram ir para a Cidade Eterna. Em 1538 perseguições os aguardam em Roma e em 1539 decidiram fundar a Companhia de Jesus, sua aprovação foi lograda neste mesmo ano e no dia 27 de setembro de 1540, na bula *Regimini Militantis Ecclesiae*.

Leite (1938) ainda comenta que a Companhia foi fundada para propagar a fé Cristã e ensinar aos meninos e aos rudes as verdades do cristianismo e esclarece que toda a Companhia e cada um que fazia parte dela era militante de Deus e devia obediência ao Papa.

Conforme mencionado, o contexto de fundação da Companhia foi marcado por questionamentos à Igreja Católica. Os jesuítas atuaram em meio a uma série de medidas reformistas da Igreja Católica. Esse movimento era liderado pelo monge alemão Martinho Lutero (1483-1546), que empreendeu a reforma protestante, como ficou conhecida, em 1517 na Alemanha.

Quando nos referimos à reforma protestante, devemos considerar não apenas questões que envolviam a Igreja Católica, mas também fatores de cunho político, econômico, intelectual, moral e social, os quais também contribuíram para que a reforma acontecesse. No entanto, vale ressaltar que, conforme Cairns (1995), podemos dizer que há várias formas de enxergar tal reforma. Há aquele que a vê somente como uma revolução de protestante contra a Igreja, há também aquele que dirá que a reforma fez com que a vida religiosa voltasse às regras do Novo Testamento da Igreja Católica e ainda há aqueles que defendiam que foi um movimento revolucionário.

Porém, ainda segundo Cairns (1995), se tivermos um olhar de historiador católico, podemos dizer que a chamada reforma protestante foi vista como uma revolta contra a Igreja de Roma e contra a pessoa que era responsável por tal Igreja, nesse caso, o papa.

De qualquer maneira, convém lembrar que foi em meio a isso tudo que foi criada a Companhia de Jesus, o que possibilita compreender sua atuação. A Ordem foi a que mais se destacou dentre todas as outras que atuaram no período. Uma de suas principais características é que seus integrantes não ficavam fechados em mosteiros, mas atuavam por regiões do mundo todo.

De acordo com Costa e Menezes (2005), a missão e a educação foram as atividades desenvolvidas pela Companhia que a diferencia significativamente das outras ordens.

De início, é preciso considerar que as duas grandes atividades às quais os jesuítas deveram sua fama, a missão e a educação, não constavam dos primeiros objetivos da Companhia. A Ordem religiosa que nasceu sob o signo da Reforma Católica tornou-se missionária e educadora em resposta a desafios que lhe foram impostos pelos mandatários de estados católicos. Foi em terras lusitanas, ou de domínio da Coroa portuguesa, que os jesuítas principiaram a desenvolver aqueles trabalhos (COSTA; MENEZES, 2005, p. 33).

A companhia de Jesus foi uma ordem religiosa que se colocava diretamente às ordens do Papa, o qual, estando à frente de toda a Igreja, tinha a expansão da fé cristã como uma de suas principais funções. Logo, a atuação dos jesuítas foi muito dedicada a esse propósito.

Rodrigues (1931) diz que, de início, a Companhia de Jesus sofreu muitas perseguições. Seus seguidores, juntamente com Inácio de Loyola, foram por várias vezes injustiçados, porém tal fato não fez com que Loyola desistisse de sua missão, a qual acreditava estar destinado a cumprir. Dessa forma, Loyola acreditava que ele e os demais membros da Companhia deveriam estar sempre unidos para que um pudesse sempre ajudar o outro. Loyola também pregava que a obediência a superiores, neste caso, ao papa, fosse também um benefício a favor da Companhia de Jesus. Sendo assim, foram se organizando as primeiras regras que sustentariam a ordem.

Sempre levando em consideração o principal objetivo da Companhia, Inácio de Loyola determinou e redigiu o que seriam as Constituições da Companhia de

Jesus, que serviriam como normas e regras para o funcionamento da ordem que fora criada por ele.

O documento redigido por Inácio de Loyola só fora aprovado em meados de 1556, pela Congregação Geral³. Embora 1556 fora o ano da morte de Loyola, Leite (1938) relata que em momento algum ele se contrapôs em fazer qualquer alteração no que diz respeito à Constituição que havia redigido. Redigimos abaixo um trecho especificando as pretensões da Constituição:

Para dizer em poucas palavras, as nossas Constituições pretendem que sejamos homens crucificados para o mundo e para os quais o próprio mundo está crucificado, homens novos, que se despojaram dos próprios afetos, para se revestirem de Cristo, mortos a si mesmos, para viverem para justiça. Conforme as palavras de S. Paulo, demonstraremos ser servidores de Deus, nas fadigas, nas noites em claro, nos jejuns, pela pureza, ciência, grandeza de ânimo, bondade, no Espírito Santo, com caridade sincera, anunciando a palavra da verdade; e, mediante as armas da justiça, ofensivas e defensivas, por meio da glória e do desprezo, da calúnia e da boa fama, do sucesso e da adversidade, caminhemos a passos largos para a pátria celeste. Este é o compêndio e a meta das nossas Constituições (CONSTITUIÇÕES, 2004, p. 23).

A quarta parte das Constituições trata da prática pedagógica que iria estruturar o ensino da Companhia de Jesus. Nesta parte está a base do *Ratio Studiorum*, documento oficializado no ano de 1599, o qual foi o método pedagógico dos jesuítas.

O *Ratio* apresentava a forma de ensino que deveria ser seguida pelos jesuítas em suas ações dentro dos colégios. Conforme Cantos (2009, p.31), este “[...] foi o plano que sistematizou os rumos que a Companhia de Jesus deu à educação”. Este plano nos mostra a formação dos colégios jesuíticos que prevê três fases de ensino, que são: o curso de humanidade, o de formação superior em filosofia ou artes e o de formação profissional, que seria o curso de teologia, responsável por formar os futuros padres.

³O supremo poder legislativo da Companhia de Jesus está na Congregação Geral. Inácio de Loyola traça nas Constituições o perfil do Superior Geral: homem de coração e união com Deus; possua as virtudes próprias do estado religioso, em particular caridade, humildade, mortificação, mansidão e fortaleza; seja de grande entendimento e juízo, vigilante e eficaz para levar as coisas a bom têrmo; goze de saúde e forças e tudo o mais que possa dar crédito e autoridade.

O *Ratio Studiorum* contribuirá para considerações acerca da atuação educacional dos jesuítas. O documento, ao direcionar caminhos para que o ensino ocorresse com eficácia, sintetiza experiências dos padres nesse desafio. Vale lembrar que sua oficialização ocorreu no ano de 1599 quando os jesuítas já haviam enfrentado uma série de dificuldades.

Nesse sentido, convém, antes de tratar especificamente das estratégias pedagógicas da Companhia de Jesus, apontar aspectos da atuação de dois significativos padres, os quais muito contribuíram com a educação empreendida pela ordem religiosa: Nóbrega e Anchieta.

NÓBREGA E ANCHIETA: ATUAÇÃO INICIAL DOS JESUÍTAS, DESAFIOS E AVANÇOS

No que se refere ao governo da Companhia de Jesus, é possível dizer que ela estava dividida em províncias e cada uma dessas províncias pertencia a uma Assistência. Notamos que na época existiam 6 Assistências: Itália, Portugal, Alemanha, Espanha, França e Polônia. Cada assistência ficaria responsável por suas províncias, nesse caso é aqui destacada a Assistência de Portugal que tinha como província o Brasil.

A Província do Brasil foi fundada pelo Pe. Manoel da Nóbrega (1517-1570), jesuíta português que embarcou junto com Tomé de Sousa (1503-1612) com a missão de dedicar-se à catequese dos índios na colonização do Brasil. Porém a decisão de instalar o governo geral no Brasil foi tomada por D. João III, motivado por alguns acontecimentos como o fracasso das Capitânicas Hereditárias.

O sistema de Capitânicas Hereditárias, criado em 1534, foi uma tentativa de colonizar o Brasil por meio da doação de terras a grandes proprietários europeus, que as usariam para o cultivo de produtos que tivessem uma boa aceitação no mercado europeu. Do ano em que foi criada até 1536, foram doadas 14 donatários que tinham de 50 a 100 léguas de costa cada um. Tais donatários não obtiveram sucesso em suas atividades produtivas devido principalmente à resistência indígena. Com o fracasso proveniente desse sistema e com modificações geopolíticas e

econômicas que ocorriam na época, D. João III resolveu criar um governo geral no Brasil e passou o cargo para governador Tomé de Souza.

Sendo assim, D. João III passou para Tomé de Souza, que foi o Primeiro Governador Geral do Brasil, um regimento que deixava claro os seus poderes, as normas de seu governo e quais eram os seus objetivos perante a colonização do Brasil.

Eu, El Rei faço saber a vós Thomé de Souza fidalgo de minha Casa que vendo eu quanto serviço de Deus e meu é conservar e enobrecer as Capitânicas e povoações das terras do Brazil e dar ordem e maneira com que melhor e mais seguramente se possam ir povoando para exaltamento da nossa Santa Fé e proveito de meus reinos e senhorios e dos naturais deles ordenei ora de mandar nas ditas terras fazer uma fortaleza e povoação grande e forte em um lugar conveniente para daí se dar favor e ajuda às outras povoações e se ministrar justiça e prover nas coisas que cumprirem a meu serviço e aos negócios de minha fazenda e a bem das partes... Porque a principal coisa que me moveu a mandar povoar as ditas terras do Brazil foi para que a gente dela se convertesse à nossa Santa Fé Católica vos encomendo muito que pratiqueis com os ditos capitães e oficiais a melhor maneira que para isso se pode ter e de minha parte lhes direis que lhes agradecerei muito terem especial cuidado de os provocar a serem cristãos. (Regimento de Tomé de Souza, p. 345).

A Companhia de Jesus chegou ao Brasil em 1549, representada pelos padres missionários na frota de Tomé de Souza. Liderados por Manuel da Nóbrega (1517-1570), os jesuítas vieram com a missão oficial de catequizar e converter os nativos habitantes do novo mundo à religião católica. Os primeiros meses foram dedicados ao conhecimento do novo território e identificação dos desafios e problemas que enfrentariam em suas missões.

Assim que chegou, Manuel da Nóbrega já obtivera as primeiras impressões acerca dos gentios que aqui encontrara. De início, conforme relata em suas cartas enviadas aos seus superiores em Portugal e em Roma, tivera uma boa impressão, visto que não teve problemas em suas primeiras visitas nas aldeias.

Falarei agora da porta que Nosso Senhor se dignou de abrir nestes poucos meses para escolher dentre eles os que foram predestinados; porém começamos a visitar as suas aldeias, quatro companheiros que somos, a conversar familiarmente, e a anunciar-lhes o reino do Céu, se fizerem aquilo que lhes ensinamos; e são estes aqui os nossos bandos. Convidamos os meninos a ler e escrever e conjuntamente lhes ensinamos a doutrina cristã [...] porque muito se admiram de como sabemos ler e escrever e têm

grande inveja e vontade de aprender e desejam ser cristãos como nós outros [...] (NÓBREGA, 1988, p. 92).

Porém foram somente as primeiras impressões que os portugueses tiveram dos gentios, pois, conforme Costa (s/d, p.8), “[...] as experiências práticas das missões fez alterar certos rumos e certos conceitos que haviam sido forjados no início dos trabalhos.” Os Jesuítas passaram a tratar os índios de forma diferente, pois, de início, a proposta de catequizá-los era amorosa, porém não vinha surtindo efeito, visto que os índios se mostravam volúveis e não estavam aderindo à fé cristã. Sendo assim, foi necessário alterar a forma de tratamento aos índios passando de uma forma amorosa e tranquila para a submissão por meio da força.

Em uma de suas cartas, Nóbrega mostra a forma como o governador geral estava agindo para catequizar os índios e, de acordo com o jesuíta, tais atitudes vinham trazendo efeitos.

[...] porque o Governador fez nisso grandes ameaças aos Índios e mandou apregoar por suas aldeias, sob pena de morte, que ninguém comesse carne humana; de maneira que os Índios ficaram atemorizados, e contudo isso não quiseram os Padres tornar à aldeia até o Principal mostrar sinais de muito arrependimento, e os que comeram da carne fizeram penitência e não entraram na igreja por certo tempo.

[...] o que sabido pelo Governador, mandou prender ao feiticeiro e a outro que contra a doutrina falava, estiveram presos sete ou oito dias, até que pelos rogos dos Padres, os soltaram, de que ficaram todos amedrontados, que daí por diante se começaram a encher as igrejas, favoreceu a isto muito mandar o Governador por sua língua pregar-lhes e autorizar-lhes, que nós ensinávamos, de maneira que subitamente vimos o notável proveito que nasceu de se castigar aquele feiticeiro[...] (NÓBREGA, 1988, p. 157-159).

Notamos que muitas dificuldades foram encontradas pelos padres jesuítas para catequizar os índios. O canibalismo, a poligamia e a nudez eram hábitos praticados pelos índios e eram condenados pelos padres jesuítas.

Todos estes que tratam conosco, dizem que querem ser como nós, sinão que não têm com que se cubram como nós, e este só inconveniente têm. Si ouvem tanger a missa, já acodem e quando nos vêm fazer, tudo fazem, assentam-se de gijolhos, batem nos peitos, levamtam as mãos ao ceu e já um dos principaes delles aprende a ler e toma lição cada dia com grande cuidado e em dous dias soube o A, B, C todo, e o ensinam os a benzer, tomando tudo com grandes desejos (NOBREGA, 1988, p. 72).

Na leitura das cartas de Nóbrega e Anchieta percebe-se que os primeiros jesuítas viam os índios como seres bons, mas com maus comportamentos. Assim sendo, eles deveriam ser salvos para a glória de Deus.

Outra grande dificuldade encontrada pelos jesuítas em relação aos gentios era a falta de conhecimento das diversas línguas encontradas naquele território. Segundo Camargo e Hundzinski (s/d) foi com a chegada de Anchieta que tais dificuldades encontradas foram sendo superadas.

José de Anchieta (1534-1597) parte de Lisboa em 8 de maio de 1553 e chega ao Brasil, mais precisamente na Bahia, em 13 de julho do mesmo ano, acompanhado pelo segundo governador geral Duarte Costa, e assim que chega já escreve uma carta relatando quais foram suas primeiras impressões sobre os gentios aqui encontrados.

[...] Não são sujeitos a nenhum rei ou capitão, só têm em alguma conta os que alguma façanha fizeram, digna de homem valente, e por isso comumente recalcitrem, porque não há quem os obrigue a obedecer; os filhos dão obediência aos pais quando lhes parece; finalmente, cada um é rei em sua casa e vive como quer; pelo que nenhum ou certamente muito pouco fruto se póde colher deles, se a fôrça e o auxílio do braço secular não acudirem para domá-los e sumetê-los ao jugo da obediência (ANCHIETA, 1988, P.55).

Anchieta fica na Bahia até outubro de 1553 e logo parte em missão para São Vicente juntamente com o Padre Leonardo Nunes que havia chegado ao Brasil em 1549. Juntamente com Manuel da Nóbrega, Anchieta partiu para São Vicente, pois lá os jesuítas obtiveram um maior sucesso com os gentios. Ele chega ao seu destino em dezembro de 1553 e logo parte com mais irmãos jesuítas para a nova aldeia de Piratininga, onde constrói uma Igreja e uma casa. A vila passou a ser chamada de São Paulo.

Vale destacar que José de Anchieta era teatrólogo e assim pôde desenvolver este trabalho com os índios a fim de conseguir que os mesmos abandonassem o que consideravam maus costumes.

O fato é que os jesuítas muito se dedicaram à catequização. Mas suas atividades educacionais se ampliaram, o que os torna significativos para a história da educação brasileira. Por mais que não fosse o objetivo inicial da Companhia de Jesus, os padres construíram colégios e atuaram de maneira significativa na educação formal. Na sequência serão apresentadas algumas considerações acerca

dessa atuação, inclusive fazendo menção ao método pedagógico dos jesuítas, o *Ratio Studiorum*.

A ATUAÇÃO EDUCACIONAL DA COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL: DOS DESAFIOS INICIAIS AO RATIO STUDIORUM

Os desafios mencionados motivaram, nos jesuítas, determinadas estratégias. A fim de dar conta de seus objetivos, a catequização e a conversão dos indígenas, os padres da Companhia de Jesus desenvolveram meios de atuação.

Conforme Costa (2009) nos relata, uma das estratégias adotadas pelos padres jesuítas a fim de conseguir alcançar os seus objetivos foi o aldeamento. Trata-se de comunidades indígenas organizadas longe dos brancos, onde os jesuítas fundavam igrejas e visitavam tais igrejas de tempos em tempos, não tendo desta forma que morar junto com os índios.

Ainda de acordo com o autor, outra prática utilizada pelos padres jesuítas a fim da conversão cristã foi privilegiar a educação das crianças indígenas, isso porque os padres jesuítas que estavam em missão no Brasil notaram que os índios adultos não se convertiam de fato e acabavam voltando aos antigos costumes. Assim, os padres jesuítas acreditavam que, sendo educados ainda quando crianças, eles poderiam de fato aderir aos costumes cristãos uma vez que a criança poderia permanecer em uma comunidade cristã por toda a vida.

Sendo assim, com o objetivo de facilitar a educação das crianças indígenas, foram enviadas para o Brasil, a pedido dos padres jesuítas, crianças órfãs de Portugal, pois assim elas poderiam aprender as línguas dos índios e ensinar aos pequenos indígenas a língua dos brancos. Conforme afirmação de Costa e Menezes (2009, p.37), “de fato, a vinda daqueles órfãos contribuiu, e muito, para o processo de implantação da cultura cristã entre os gentios.”

Dessa forma foram criadas as casas de bê-á-bá que objetivavam a catequese e o ensino da leitura e escrita. Essas casas se mantinham com mão-de-obra escrava, gado e algumas esmolas, como podemos ver nos relatos de umas das cartas de Manuel da Nóbrega descrevendo como funcionava a casa de São Paulo de Piratininga ao padre Miguel de Torres (1507-1593).

Achegamos à Baya onde começamos de exercitar-se com ho gentio e com os cristãos vivendo de esmolas. Ho ano logo seguinte vierão outros quatro Padres e, com estes, sete ou oito meninos órfãos da casa de Lixboa, com uma preocupação do Padre Pedro Domenico, que delles tinha cuidado, pêra eu poder fazer casas e confrarias da maneira que em Lixboa se fizeram, e com, elles não veio nenhum aviso, mas estes vinhão encarregados aos Padres. Vendo eu isto, determinei-me com os demais Padres e Irmãos que aqui nos achamos parecendo-nos ser causa de que a Companhia se encarregava, a fazer-lhes casa; e pedi terras ao Governador [Tomé de Sousa], ouve-lhes alguns escravos d'El-Rei e humas vaquas pêra criação, determinando, com aquelles que vierão, manter outros órfãos da terra, que avia muitos perdidos e faltos de criação e doutrina, e dos filhos do gentio quantos se podessem manter na casa (NÓBREGA. 1955 p.209).

Com base nas situações apresentadas, notamos as dificuldades iniciais enfrentadas pelos jesuítas e os esforços empreendidos no sentido de cumprir sua missão de catequização. No âmbito da educação formal, os padres contaram com a experiência e desenvolveram práticas pedagógicas. O *Rátio Studiorum*, conforme mencionado inicialmente, expressa esse movimento.

O *Ratio Studiorum*, conforme Franca (1952), foi uma remontagem da IV Parte da Constituição. Já que essa parte continha apenas orientações gerais referentes às práticas pedagógicas, viu-se a necessidade da elaboração e sistematização de um projeto de estudo específico para assegurar as atividades pedagógicas nos colégios da Companhia.

Desta forma, em 1551 Jeronimo Nadal, a pedido de Inácio de Loyola, recolheu informações nos colégio jesuítas já existentes e fez as primeiras anotações referentes às normas que iriam guiar a ação administrativa e educativa dentro dos colégios jesuíticos e, a partir das informações adquiridas pelas observações feitas, foi elaborado o primeiro regulamento que foi enviado aos colégios.

Segundo Saviani (2008, p. 50), “está aí aquilo que se poderia considerar o primeiro esboço do *Ratio Studiorum* que foi enviado de Roma para as instituições que iam sendo fundadas nos diversos países visando uniformizar a organização e o funcionamento dos colégios”.

Porém, apenas em 1599, após passar por críticas e sugestões, foi aprovada a versão definitiva do *Ratio Studiorum*. Nesse sentido, Franca afirma que:

O *Ratio*, portanto, é filho da experiência, não de um homem ou de um grupo fechado, mas de uma experiência comum, ampla de tal amplitude, no tempo e no espaço, que lhe assegura uma grandeza majestosa, talvez singular na história da pedagogia (FRANCA, 1592, p. 23).

O documento “expressa o modelo ideal de formação, de educação dos estudantes nos colégios e universidades” (COSTA, 2004, p. 225) e carrega o caráter histórico da sociedade de Jesus. Para Miranda (2009, p. 41)

A pedagogia da *Ratio* pretende que o educando, a partir da sua liberdade, desenvolva ao máximo, de modo harmônico e segundo uma hierarquia de valores, as suas disposições espirituais e as suas faculdades mentais, volitivas e afectivas, de acordo com a sua verdadeira natureza e destino.

Franca (1952) nos mostra que o *Ratio Studiorum* estaria organizado como um manual em que continha métodos de ensino e a forma pela qual os professores deveriam organizar suas aulas. Tal manual, conforme Saviani (2008), continha 467 regras que deveriam ser seguidas. Elas estavam divididas em: Regras do provincial, Regras do reitor, Regras do prefeito de estudos superiores, Regras comuns a todos os professores das faculdades superiores, Regras particulares dos professores das faculdades superiores, Regras dos professores da faculdade de Filosofia, Regras do prefeito de estudos inferiores, Regras dos exames escritos, Normas para a distribuição de prêmios, Regras comuns aos professores das classes inferiores, Regras particulares dos professores das classes inferiores, Regras dos estudantes da Companhia, Regras dos que repetem a teologia, Regras do bedel, Regras dos estudantes externos e Regras das academias. Além destas regras citadas acima, o *Ratio Studiorum* também apresentava três níveis de ensino: Humanidades, Filosofia e Teologia.

Ainda segundo Franca (1952), o professor também tem um papel muito importante dentro do *Ratio Studiorum*. Antes de entrar em sala de aula os professores deveriam dedicar-se por dois anos exclusivamente à formação de sua alma.

Cantos (2009, p. 36), acerca da formação do professor, considera o seguinte:

A formação do professor, do aluno, a disciplina, enfim essas e diversas outras normas e temas foram contemplados pelo *Ratio Studiorum*, bem como a organização administrativa dos colégios

fundados por essa ordem, a função de cada membro desses colégios, a distribuição de aulas, entre outros.

Portanto, fica evidente a importância do Ratio Studiorum, bem como a forma pela qual tal plano de estudo era utilizado dentro dos colégios, valorizando tanto o professor quanto os alunos.

Enfim, temos noção da educação no período colonial desde os primórdios até sua etapa mais sistematizada, com a elaboração do Ratio Studiorum. Acreditamos que assim é possível apontar as principais características da educação no período colonial, um momento importante de nossa história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo discutir a atuação dos padres jesuítas no Brasil. Conforme discutido, antes dos primeiros padres jesuítas desembarcarem no Brasil, houve a criação da Companhia de Jesus, o que nos motivou a discutir o contexto em que isso aconteceu, os envolvidos, interesses etc. De fato, quando a Companhia foi criada, a sociedade Europeia passava por um período bastante turbulento e fatores econômicos, sociais, políticos e religiosos estavam sendo contestados. Deste modo, tivemos o cuidado em ressaltar neste artigo a Reforma Protestante, acontecimento que contribuiu com a decadência do catolicismo e a partir de então, com o objetivo de resgatar os fiéis que haviam tomado outros rumos devido a reforma e também com o objetivo de agregar à igreja novos fiéis cristãos, foi criada a Companhia de Jesus.

De início o objetivo da Companhia era reconquistar Jerusalém ao domínio dos cristãos e só mais tarde a ordem teve como objetivo a educação e catequização de novos fiéis.

Neste artigo, também foi levado em consideração quais foram as primeiras impressões que os padres jesuítas tiveram ao chegar ao Brasil, bem como as medidas tomadas por eles para conseguirem alcançar o objetivo que aqui os trazia. O estudo abordou o trabalho de dois padres que foram de suma importância para a catequização dos gentios no Brasil: Manuel da Nóbrega e José de Anchieta. Manuel da Nóbrega chegou ao Brasil em 1549 com o primeiro Governador-Geral Tomé de

Souza e logo nos primeiros dias em terras brasileiras já escrevia cartas aos seus superiores contando-lhes quais foram suas primeiras impressões em relação aos gentios aqui encontrados. Vale ressaltar que essas primeiras impressões obtidas por Manuel da Nóbrega são boas, porém logo começam a surgir as dificuldades e desafios a serem enfrentados.

José de Anchieta chega ao Brasil em 1553 e parte em missão para Piratininga, terra onde os jesuítas estão obtendo maior sucesso em suas missões. E assim que chega já começa seu trabalho construindo uma casa para abrigar os padres jesuítas e uma Igreja para as celebrações religiosas. A partir da primeira missa realizada na Igreja, a vila passa a se chamar São Paulo.

Também foi realizada uma discussão acerca do plano de estudo elaborado por Inácio de Loyola, o qual contém regras de como os jesuítas deveriam agir dentro dos colégios em todas as funções para que obtivessem sucesso. Esse plano de estudos foi chamado de *Ratio Studiorum*.

O Ratio foi elaborado a partir das experiências dos jesuítas. Foi feito um estudo recolhendo informações do que havia obtido sucesso e do que deveria ser descartado no que se refere a educação dentro dos colégios jesuítas e só então foi elaborado o que chamamos de esboço do Ratio Studiorum, pois a versão definitiva do mesmo só será aprovada em 1599, 41 anos depois do início do projeto.

Enfim, o estudo possibilitou compreender aspectos de um importante período da história da educação brasileira. Não se pode discutir a educação no Brasil Colônia sem mencionar a atuação dos padres da Companhia de Jesus. Por isso, a educação ainda nos dias atuais carrega marcas daquela empreitada.

REFERÊNCIAS

ANCHIETA, José. **Cartas:** Informações, fragmentos históricos e sermões. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988. Cartas Jesuíticas.

ASSUNÇÃO, P. **Negócios jesuíticos.** São Paulo: EDUSP, 2004.

CAMARGO, Silva; HUNDZINSKI, Sheyla. **O teatro de Anchieta e se processo pedagógico.** Trabalho de Conclusão de Curso. UEM: Maringá, 2011.

CANTOS, Priscila Kelly. **A Educação na Companhia de Jesus:** Um estudo sobre os colégios jesuíticos. Dissertação de Mestrado. UEM: Maringá, 2009.

CAIRNS, E. E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã.** 2.ed. São Paulo. Vida Nova, 1995.

Constituições da Companhia de Jesus: normas complementares. São Paulo: Editora Loyola, 2004.

COSTA, Célio Juvenal. **A racionalidade jesuítica em tempos de arredondamento do mundo: o Império Português (1540-1599).** Tese de doutoramento. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 2004.

COSTA, Célio Juvenal. Educação jesuítica no império português do século XVI: o colégio e o Ratio Studiorum. In: PAIVA, José Maria; BITTAR, Marisa & ASSUNÇÃO, Paulo de. **Educação, História e Cultura no Brasil Colônia.** São Paulo: Arké, 2007.

COSTA, Célio Juvenal; MENEZES, Sezinando Luiz. A educação no Brasil Colonial. In: NEVES, F,M; RODRIGUES, E; ROSSI, E.R (ORG). **Fundamentos Históricos da educação no Brasil.** Maringá: EDUEM, 2005.

COSTA, Célio Juvenal. A Companhia de Jesus: racionalidade e civilização. In: **Anais do IX Simpósio Internacional Processo Civilizador.** Disponível em: < http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais9/artigos/mesa_redonda/art10.pdf >. Acesso: 02/09/2014.

Exercícios Espirituais de Santo Inácio. São Paulo: Editora Loyola, 1985.

FERREIRA JR, Amarílio. **Em Aberto: Educação Jesuítica no Mundo Colonial Ibérico (1549-1768).** Brasília: INEP.2007.

FRANCA, Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas.** Rio de Janeiro: Agir, 1952.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil.** Lisboa: Portugália; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

MIRANDA, Margarida. **Código pedagógico dos jesuítas: Ratio Studiorum da Companhia de Jesus.** Campo Grande: Esfera do Caos, 2009.

NÓBREGA, Manoel da. **Cartas do Brasil.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988. Coleção Cartas Jesuíticas.

OLIVEIRA, Anderson dos Santos de. **A Vida e a Mercância Jesuítica na América Portuguesa Quinhentista: Um estudo a partir de um inventário das cartas enviadas do Brasil no século XVI.** Dissertação de Mestrado. UEM: Maringá, 2014.

PAIVA, José Maria. **Colonização e Catequese.** Arké: São Paulo, 2006.

RODRIGUES, Francisco. **A formação intelectual do jesuíta.** Porto, 1917.

RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal**. Tomo I, volume 1. Porto: Apostolado da Imprensa, 1931.

SAVIANI, Dermeval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.